

Lima Barreto e a literatura da urgência: a escrita do extremo como insurgência ao controle do corpo

Luciana Hidalgo¹

Resumo:

Propõe-se o desenvolvimento do conceito literatura da urgência para definir um tipo de escrita realizado sob estado de emergência, consolidado como inscrição capaz de ir além das técnicas de controle corporal no hospital psiquiátrico. Por isto, o foco dessa investigação é Diário do hospício, de Lima Barreto. Demonstra-se como esta literatura nasceu conspurcada, contaminada pela loucura e pela rotina no manicômio, sendo simultaneamente uma escrita de si criada para defender o eu acuado ante a instituição e um documento de valor histórico capaz de denunciar, pelo viés do paciente, minúcias do dia-a-dia psiquiátrico, constituindo uma literatura não-oficial do hospício. Esta escrita do extremo, esta narrativa-limite inventada para enfrentar uma situação-limite, teve a função de compensar o corpo louco, funcionando como ponte do não-ser, aniquilado pela instituição, com o ser integral, pleno.

Palavras-chave: literatura, loucura.

Ao escrever *Diário do hospício* durante a sua segunda internação no Hospital Nacional dos Alienados, em 1919/20, Lima Barreto produziu uma escrita do extremo, uma narrativa-limite para dar conta da experiência radical vivenciada. Quando foi alojado na seção de indigentes, a camada social mais desprivilegiada do manicômio, de escritor passou a paciente psiquiátrico; de jornalista a alcoólatra; de funcionário público a indigente. Com o corpo detido, disciplinado e socialmente deslocado, o autor criou uma literatura da urgência, escrita decorrente de uma situação de emergência, que se consolidou como inscrição capaz de ir além das técnicas de controle corporal no hospital psiquiátrico.

Ao praticar a leitura e a escrita no hospício, Lima saía da esfera mecânica e automatizada dos ritos típicos do hospital psiquiátrico: o banho, as refeições, o passeio ao sol. Obtinha *habeas corpus* temporário no ritual diário e desviava o corpo – o olhar, o raciocínio, a mão empenhada na feitura dos manuscritos – para uma prática rara no domínio da psiquiatria. Este exercício literário se destacava pelo seu caráter de insurgência contra mecanismos de controle corporal, que implicavam inspeções, condicionamentos, adestramentos.

Já no início do diário, Lima dá o seu depoimento sobre o primeiro golpe de desconstrução de si pela instituição. Ao descrever o ingresso no hospício, denuncia que arrancaram-lhe a roupa para colocar um uniforme e não lhe deram nem calçados, atirando-o sobre um colchão de capim e o cobrindo com uma manta pobre. Uma vez enquadrado na lida do asilo, devidamente uniformizado, Lima Barreto – que àquela altura já era autor de *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* – foi provisoriamente destituído da identidade pregressa. Ainda assim, criou um espaço para o discurso de si em uma situação de vida regulada por horários, hábitos coletivos, pessoas não escolhidas por ele para o convívio, sob a repressão de uma medicina que muitas vezes abusou da crença em sua onisciência e onipotência.

¹ Professora-doutora – com Bolsa de Pós-Doutorado da FAPERJ, ligada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Construiu uma narrativa em meio a uma sociedade onde a disciplina era o grande instrumento do poder, composta, segundo Foucault, por “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1998. p.XVII).

Lima quebrou o círculo *docilidade-utilidade*, impondo a sua subjetividade em uma instituição reguladora e de dominação de loucos, cujo poder disciplinar forçava a fabricação do tipo de homem necessário ao seu funcionamento. *Diário do hospício* era, portanto, a inversão total da idéia do panóptico. Basta lembrar que este complexo mecanismo de poder foi inventado pelo jurista inglês Jeremy Bentham no final do século XVIII justamente para centralizar o olhar e o controle sobre os corpos em instituições. Os grandes projetos de reorganização das prisões européias no século XIX baseavam-se nesse modelo que, devido à sua arquitetura, permitia o controle total dos internos, fossem loucos, doentes, condenados, operários ou estudantes. Devido a um efeito de luz e contraluz, era possível vigiar não só os corpos concretos, mas suas silhuetas. Foucault descreveu-o com minúcia:

O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro (FOUCAULT, 1988. p.210).

Foucault resgatou a idéia-base da invenção de Bentham para concluir: estar na mira do olhar de um inspetor significava perder a capacidade de fazer o mal e quase perder o pensamento de querê-lo, ou seja, não poder e não querer. Embora a arquitetura do prédio do Hospital Nacional dos Alienados (primeiro hospício oficial do Brasil, inaugurado em 1852 com o nome do imperador Pedro II) não se ajustasse ao modelo panóptico de vigilância, nota-se, pelos estatutos de sua inauguração, o mesmo tipo de preocupação com a vigília permanente dos ocupantes, especialmente de seus corpos. Lima Barreto pôde e quis inverter o processo perverso do controle no hospício, ao escapar da vigilância para escrever o que bem entendesse no espaço branco do papel – este espaço infinito, autônomo, intocado pela psiquiatria.

O projeto original do Hospital Nacional dos Alienados, de autoria de Domingos Monteiro, inspirou-se no hospital de Charenton, construção do século XVII inserida no contexto da Grande Internação durante o classicismo, na França, posteriormente aproveitada por Esquirol como centro de tratamento de alienados. Em *História da loucura na Idade Clássica*, Foucault mostra como a Europa dos séculos XVII e XVIII deu início à prática da internação para isolar aqueles que a sociedade considerava *a-sociais*, indivíduos não necessariamente dotados de perturbações mentais, mas excluídos da massa produtiva do Estado. O a-social representaria a negação do social, ou ao menos do socialmente correto, do que se espera dos modelos de sucesso que constroem o *mito da felicidade social*: trabalho produtivo e adaptação incondicional ao meio.

A psiquiatria apropriou-se do louco e passou a tratá-lo como sujeito somente a partir do século XIX, época em que o termo *alienação mental* passou a ser usado por Pinel e Esquirol. A internação no hospital psiquiátrico do século XIX seria uma tentativa de reeducação do sujeito, da cura de uma espécie de “imoralidade”, de “paixões morais”, como classificavam os alienistas. Ou seja, a loucura, que durante o classicismo representava o mal, foi *socorrida* por uma psiquiatria redentora deste mal incubado no interior do homem. No entanto, se o louco permanecia um cidadão proscrito, é porque o mal não fora expiado. Ao acumular loucos em série no domínio do asilo, pode-se pensar que a psiquiatria apenas reinventou o mal da loucura, dando-lhe nova roupagem, base científica e um método.

Nesse contexto, Lima Barreto era o ponto de interseção dos clichês do hospício: *pobre, mulato, bêbado, a-social*. *Diário do hospício* acumulava multifunções para o paciente Lima, entre as quais a de *escrita de si* inserida no exercício do *cuidado de si*, segundo postulou Foucault em uma série de estudos sobre as *artes de si* nas civilizações grega e romana. Partindo de uma *démarche* filosófica que investigava as relações entre subjetividade e verdade, Foucault pesquisou a relevância do *cuidado de si* na cultura greco-romana, mostrando como esta questão atravessou toda a reflexão moral, desde os primeiros diálogos platônicos até grandes textos do estoicismo tardio. A ética deste *cuidado* consistia em objetivos definidos: retirar-se, viver consigo mesmo, bastar-se, fruir consigo. O *cuidado* em questão constituía uma forma de autoconhecimento, questão essencial na Antiguidade.

A *escrita de si* surgiu como uma das formas de *exercícios de si sobre si*, uma prática ascética que transcendia a idéia de renúncia moral e compreendia a tentativa de se elaborar, se transformar e alcançar um certo *modo de ser*. Nesse sentido, Sêneca aconselhava a conjugação leitura-escrita, enquanto Plutarco via a escrita como uma espécie de operadora da transformação da verdade em *éthos*. Estes tipos de escrita constam de documentos dos séculos I e II estudados por Foucault e possuem duas finalidades distintas, sendo classificados como *hypomnêmata* e *correspondência*. Enfatizam-se aqui os *hypomnêmata*: termo utilizado para designar livros contábeis, registros e cadernos pessoais que serviam de ajuda-memória, ou guias de conduta na cultura greco-romana. Continham citações, fragmentos de obras, exemplos e ações testemunhados pelo autor, bem como pensamentos, argumentos e meios de se lutar contra um defeito (raiva, inveja etc.), ou uma adversidade (luto, exílio etc.).

Apesar do corpo desapropriado pela tríade do poder – a família, a psiquiatria e o Estado – Lima Barreto fez de *Diário do hospício* uma literatura da urgência que lhe permitiu a sobrevivência. O autor deu multifunções ao diário, conjugando leitura (na biblioteca do asilo) e escrita (do diário). Nesse caderno pessoal recolheu citações de seus autores diletos, fragmentos de obras, e realizou uma espécie de reorganização de si, dos delírios, dos males a que estava submetido o corpo. Lima se inseria no contexto geral do manicômio, registrando a sua inadaptação ao cotidiano asilar e a revolta pela internação à sua revelia, expondo argumentos para lidar contra aquela adversidade. Mas também saía da esfera da escrita pessoal para arriscar teorias gerais sobre a loucura e escrever uma espécie de crônica do hospício, por vezes até bem-humorada. Além disso, observou a rotina manicomial para escrever um romance autobiográfico, *O cemitério dos vivos*, publicado postumamente.

Percebe-se como a escrita do diário nasce conspurcada, contaminada pela loucura e pela rotina no manicômio, sendo simultaneamente uma *escrita de si* criada para defender o *eu* acuado ante a instituição e um documento de valor histórico capaz de denunciar, pelo viés do paciente, detalhes do dia-a-dia psiquiátrico, constituindo uma *literatura não-oficial* do hospício, ausente dos prontuários médicos. Em *Diário do hospício*, a medicina, em toda a sua autoridade e com o peso cientificista da época, era vista e criticada pelo olhar de um paciente em posição desprivilegiada na cadeia de poder, com o corpo compulsoriamente detido e inserido no processo homogeneizador de querer e poderes.

A leitura do diário em ordem cronológica permite o acompanhamento do processo de *despersonalização* do sujeito de que fala Guy Besançon em *L'écriture de soi*:

(...) este estranho estado que faz com que o sujeito possua o sentimento de não mais habitar em seu invólucro corporal, de ter sentimentos de vazio, de ausência ao nível dos órgãos, do coração, do cérebro... e depois do corpo inteiro. Esta sensação bem particular é vivida em uma atmosfera penosa, quer dizer, de uma perda de familiaridade com o ambiente, de estranheza (BESANÇON, 2002. p.27).

Tanto em *Diário do hospício* como em seu *Diário íntimo*, anterior à internação, Lima se autodenunciou: bebia sem controle, vestia-se maltrapilho no chique e higiênico Rio de Janeiro da Belle Epoque, caía durante crises alcoólicas, quebrava ossos, era internado no hospital do Exército. Já não dominava o próprio corpo e avançava em um processo de esfacelamento que gerava eterna estranheza em relação ao invólucro corporal, à casa, à repartição, ao hospício – prática, aliás, bastante contrária à do *cuidado de si* dos gregos antigos, que incluía corpo e alma em igual proporção. Lima parecia valorizar a alma, o pensamento, o intelecto, em detrimento do corpo, numa hierarquização de valores que se revelava autodestruidora.

Na tentativa de resgate subjetivo que constituiu o diário, importava pôr para fora os fragmentos deste *eu* combalido, traduzindo-o desordenadamente em pensamentos, citações, sentimentos brutos. *Diário do hospício* é um contínuo esforço de *repersonalização* de si, em que o autor demonstra conservar a mente intacta, preservada do entorno; ou seja, tenta manter algo de singular, de subjetivo, em um corpo esfacelado. E obtém êxito: guardadas as proporções, a escrita do diário não deixa de ser uma forma de *cuidado de si*, que exige do corpo as mãos, os braços, uma postura, enfim, toda uma disposição não só mental, mas física.

Algumas das multifunções da *escrita de si* reveladas por Lima durante a internação são igualmente perceptíveis nos diários de Antonin Artaud, uma seqüência de escritos mais prolixos, complexos e diversificados, que trazem a questão do corpo fragmentado, desapropriado pelo Estado. Esta situação-limite em que se encontrava o corpo do interno, sob a austeridade do hospital psiquiátrico, era forçada ao extremo durante a aplicação do eletrochoque, assim descrito por Artaud:

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca do seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar (*apud* SILVEIRA, 1980. p.12).

Fica claro neste trecho que a literatura da urgência tem, em primeira análise, a função de compensar este corpo *louco*, desgovernado por si, posteriormente forçado à fronteira do ser com o não-ser pela violência da instituição. A *escrita de si* realizada em estado de emergência preenche a angústia do desespero, o vazio da memória, o não-pensamento, a ausência do corpo. Aos poucos, recupera o ser, reagrupa-o, recoloca-o no interior do invólucro corporal. Uma pergunta de Artaud no *Cahier de Rodez* dá a dimensão do absurdo em que se constituiu a relação do interno sob a repressão do manicômio: “Até quando devo refugiar-me no não-ser para ter o direito de ser o que sou?” (ARTAUD, 1981. p.26).

Na apresentação dos *Nouveaux écrits de Rodez*, Pierre Chaleix fala sobre a influência da loucura de Artaud em sua escrita, e vice-versa, como se uma não sobrevivesse sem a outra, como se estivessem entranhadas, entrelaçadas, numa relação de dependência que qualificava esta escrita e a autenticava. Chaleix assim descreve o combate de Artaud:

(...) uma luta longa, lúcida, heróica contra os sofrimentos do corpo e da alma, de uma alma que sabia, desde jovem, estar ‘fisiologicamente ferida’. Esta luta, que ele sem dúvida precisou travar a todo instante, tornou a sua escrita ‘essa casca de palavras que cai’, casca/escrita arrancada da abjeção de um corpo pensante (ARTAUD, 1977. pp.11/12).

Esta imagem da *casca de palavras que cai*, de uma *casca/escrita*, providencia outra função para a *escrita de si* no hospício: a de escudo, a de uma literatura da urgência extraída à força de um corpo que pensa, fala, denuncia, e com a qual se defende, não apenas do senso comum, que o excluía, mas de si mesmo, do que havia de *abjeto* em seu corpo/alma. A *casca/escrita* era a sua proteção contra a instituição.

Neste contexto, convém lembrar Arthur Bispo do Rosario, internado durante 50 anos na Colônia Juliano Moreira, que por toda a vida esforçou-se em atingir uma condição de santidade, criando uma obra para apresentar a Deus no dia do Juízo Final. Ao se dedicar a jejuns *para ficar transparente*, Bispo demonstrou exagerado cuidado com o corpo, sendo este corpo ligado à palavra de forma radical, ou mesmo visceral. Bispo levou ao extremo a idéia da *casca/escrita* como escudo, ao inscrever nomes e frases em mantos que vestia no dia-a-dia do hospital psiquiátrico, criando um ritual muito particular que consistia em, literalmente, vestir palavras, trajar-se com a escrita que lhe era premente e com a qual se defendia do entorno. Por isso, num de seus estandartes, escreveu a seguinte frase: **EU PRECISO DESSAS PALAVRAS – ESCRITA.**

Lima Barreto, à sua maneira, comungou deste culto à escrita como escudo, e pode-se concluir que, nesses casos, os três (Lima Barreto, Antonin Artaud e Arthur Bispo do Rosario), cada qual à sua maneira, descobriram a função terapêutica do *cuidado de si* assinalado por Foucault, ainda que proprietários de corpos provisoriamente embargados:

Ocupar-se de si não é uma simples preparação momentânea da vida; é uma forma de vida. Alcebiades se dava conta de que deveria cuidar de si, à medida que ele queria posteriormente ocupar-se dos outros. Trata-se agora de se ocupar de si, para si. Deve-se ser para si, e ao longo de toda a sua existência, o seu próprio objeto (...) Mas, sobretudo, esta cultura de si possui uma função curativa e terapêutica. Ela aproxima-se muito mais do modelo médico que do modelo pedagógico. É preciso, é verdade, lembrar-se de fatos muito antigos na cultura grega: a existência de uma noção como a de *pathos*, que significa tanto a paixão da alma quanto a doença do corpo; a amplitude de um campo metafórico que permite aplicar ao corpo e à alma expressões como tratar, curar, amputar, escarificar, purgar. É preciso lembrar também o princípio familiar aos epicuristas, cínicos e estóicos, de que o papel da filosofia consiste em curar as doenças da alma (FOUCAULT, 1994. pp.416-417).

Bispo chegou a desfiar o uniforme azul da Colônia para reutilizá-lo em bordados e em objetos como os O.R.F.A. (Objetos Revestidos de Fio Azul). Assim, desconstruía o poder estabelecido da instituição, simbolizado pelo uniforme, e reutilizava a matéria-prima destituída de seu significado psiquiátrico para construir seu mundo perfeito, um mundo utópico, como dizia, “sem planalto nem abismos”, “sem doença mental”, que ele próprio governaria. Em boa parte da obra, utilizou também as mantas pobres da Colônia como suporte dos estandartes e as des-simbolizou. O vestuário do hospício perdia, assim, a sua significação primeira – a imposição de uma regra homogeneizadora na instituição – para ganhar um novo e transgressor sentido estético.

Por isso a literatura da urgência revela-se invariavelmente auto-referente e repetitiva: no centro do desconforto no hospício, Lima recorria ao próprio, enfrentava as idiossincrasias do manicômio e se deixava imbuir delas para, num primeiro momento, pseudomimetizá-las; em seguida, criticá-las, desfazê-las, denunciá-las. Se é impossível fazer o elogio da loucura, com toda a dor e desespero que autores como Lima Barreto expuseram ao tangenciá-la, pode-se ao menos fazer a apologia da literatura/arte do autor sobrevivente. Não apenas alcança ele outros estados do ser como os transpõe para a realidade no minuto da escrita.

No caso de Lima, Artaud e Bispo, uma ferramenta utilizada foi a literatura da urgência, que se estrutura numa espécie de desdobramento da *escrita de si*, realizada sob estado de emergência. Essa escrita se refere unicamente ao estado que atira o sujeito ao risco, à fronteira limítrofe com a morte – seja por meio da loucura, de uma doença terminal, de uma situação de cárcere ou de outros tipos de experiências radicais determinantes de uma específica produção literária. Por esta razão, seria possível ampliar o estudo deste tipo de literatura, incluindo-se neste conceito, por exemplo, a obra de Jean Genet, escrita em sua maior parte no dia-a-dia num presídio francês, como reação à sociedade que o aprisionava; ou *Cytomégalo*virus, o diário da hospitalização de Hervé Guibert,

jornalista, escritor, roteirista e fotógrafo francês, morto (de Aids) em 1991, que converteu a experiência de soropositivo internado no hospital em obra literária.

Não por acaso foi em *Diário do hospício* que Lima Barreto escreveu sua sentença-chave: “Ah! A Literatura, ou me mata ou me dá o que peço dela” (BARRETO, 1993. p.24). Entre a Literatura e a Morte, contudo, talvez exista o a-lugar da literatura da urgência, pois, na fronteira do ser com o não-ser, a vida é imperativa, desfoca aspectos irrelevantes. Impõe-se a mera sobrevivência. Esta literatura redentora ignora limites, tratamentos psiquiátricos, elementos da realidade vulgar. Daí o seu poder onipresente, quase onisciente, nem tanto onipotente, como se prescindisse da realidade, extrapolasse a utopia.

Referências Bibliográficas

ARTAUD, Antonin. *A arte e a morte*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1993.

_____. *Le théâtre et son double*. Paris : Gallimard, 1964.

_____. *Nouveaux écrits de Rodez*. Paris : Gallimard, 1977.

_____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1981.

_____. *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1993².

BARRETO, Lima. *Obras de Lima Barreto*. Org. Francisco de Assis Barbosa, com colaboração de Antonio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 volumes.

_____. *Diário do hospício*. Manuscritos (microfilme – 79 tiras). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1919-1920.

_____. *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*. Introdução de Ana Lúcia Machado de Oliveira e Rosa Maria de Carvalho Gens. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Prosa seleta*. Org. Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

_____. *Toda crônica*. Org. Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 volumes.

_____. *Um longo sonho de futuro*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1998.

BESANÇON, Guy. *L'écriture de soi*. Paris: L'Harmattan, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Dits et écrits (1954-1988) – vol. IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 1994.

_____. *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosario – O senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HOUAISS, Antonio e FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (coordenadores). *Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma (Edição crítica)*. Madri: Coleção Archivos/Scipione Cultural, 1997.

MACHADO, Roberto; Loureiro, Angela; Luz, Rogerio; Muricy, Katia. *Danação da norma – Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PESSOTTI, Isaías. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Editora 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1980.